

## Civilizacionismo, a “*alt-right*” e o futuro da política antirracista: um informe da Grã-Bretanha

*Civilisationism, the “alt-right” and the future of anti-racist politics: a bulletin from Britain*

### Paul Gilroy

Professor em King’s College, London. Foi professor permanente e visitante em diversas universidades na Europa e nos Estados Unidos. Dois de seus livros foram publicados no Brasil: *Atlântico Negro* (Editora 34, 2001) e *Entre campos* (Anna Blume, 2007).

### Tradução

#### Joana Negri

Graduada em Jornalismo pela PUC-Rio, mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e doutora pelo mesmo programa.

Submetido em: 10/10/2018

Aceito em: 20/11/2018

### RESUMO

O presente artigo versa sobre a ascensão da chamada “alt right” (direita alternativa). Nosso objetivo é debater como a tecnologia digital reformulou o fascismo e o racismo, através do desenvolvimento de uma poderosa estrutura de comunicação política baseada na manipulação de algoritmos e viralização de *fake news*. Essa nova forma de mobilizar a atenção desafia os movimentos de esquerda e exige táticas e perspectivas de enfrentamento distintas daquelas utilizadas no passado.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Civilizacionismo; “alt-right”; política antirracista.*

### ABSTRACT

The present article deals with the rise of the so-called “alt right”. Our goal is to discuss how digital technology has reshaped fascism and racism by developing a powerful political communication apparatus based on algorithm manipulation and viralization of fake news. This

new way of mobilizing attention challenges left movements and requires different tactics and perspectives of confrontation from those used in the past.

**KEYWORDS:** *Civilisationism*; “alt-right”; *anti-racist politics*.

Há mais tempo do que gosto de lembrar desde que o filósofo Martin Barker iniciou a discussão do que então chamávamos “o novo racismo”. O seu termo marcou a virada da biologia para a cultura. O novo racismo era aparentemente desprovido de hierarquia, superficialmente pluralista, mas étnica e culturalmente absolutista. Acima de tudo, segregado dentro da carapaça de uma cultura *sempre nacional*, era uma ordenação rigorosa do mundo, consistente com as exigências da hierarquia racial em sua forma mais bruta, do século XIX.

Essa nova formação não foi orientada ao problema da cidadania enquanto tal. A sua metafísica de pertencimento era mais demótica do que isso. Seu caráter sistemático não foi identificado por Barker como um fenômeno pós-colonial, mas suas observações estavam ligadas a dois outros marcadores históricos que, juntos, definiam um problema político ainda mais urgente. O primeiro foi a ascensão da sociobiologia, identificada, em particular, com o reducionismo genético e o instrumentalismo de Richard Dawkins e as figuras há muito esquecidas que o inspiraram, como Robert Ardrey e Desmond Morris. As inconsistências e fragilidades do primeiro livro de Dawkins, *O Gene Egoísta*, ganharam uma longa lavada de Barker. Para ele, a obra anunciou um instintivismo renovado, apoiado em uma concepção aparentemente nova de comunidade natural que se encaixava não apenas nos imperativos oportunos da economia monetarista, mas também nas políticas de raça e imigração em um registro que hoje distinguimos como xenológico e populista. O segundo problema identificado por Barker, relacionado com esse, foi a ascensão de movimentos políticos neofascistas e ultranacionalistas que poderiam instrumentalizar essas inovações teóricas e, se não utilizá-las como trampolim para o governo, ao menos pressionar forças políticas respeitáveis a adotar a linguagem e a perspectiva envolvidas. A clarividência de Barker é óbvia. Gostaria de agradecer a ele e a Mark Duffield, a Errol Lawrence e a vários outros que aprofundaram essas discussões. Apesar dos anos e mudanças que se seguiram, eles permanecem atuais.

Esse debate inicial foi conduzido nas páginas da *Radical Philosophy*, no volume publicado pelo Centre for Contemporary Cultural Studies *The Empire Strikes Back*, na edição “*Imperial Feminisms*” da revista *Feminist Review* e em outros lugares. Ele reconheceu o poder

emergente da economia neoliberal, embora o tenha subestimado. Apontou também para uma nova política de cultura racial e nacional, mas não poderia prever (a) a revolução tecnológica que ofereceria novas variedades de ontologia política e parapólitica, bem como transformaria a relação entre partidos, movimentos e mobilizações ou (b) a perspectiva de guerra permanente e inter-civilizacional, decorrente da história colonial não resolvida e do neoimperialismo, que gerou um movimento maciço compulsivo de populações das zonas afetadas para a Europa.

Vale a pena retornar a essas discussões e se perguntar onde as fronteiras do contemporâneo, da atual conjuntura, podem ser desenhadas à luz do debate que constroem. Hoje, essas discussões podem ser compreendidas como sintomas da morte lenta da esquerda organizada - em todas as suas variantes - e como uma sequência de etapas iniciais no desdobramento de uma crise crônica - econômica, política e cultural - que ainda nos cerca.

O espetáculo duradouro de verdades racializadas e conflitos étnicos faz parte desse processo, mas vem sendo pontuado por um sentimento crescente de que as análises forjadas para dar sentido a essas velhas lutas podem não ser mais úteis. A necessidade de uma abordagem sucessora que seja capaz, por um lado, de repensar a relação entre a política racial, a identidade religiosa e as relações internacionais neoimperiais e, por outro, de levar em conta os efeitos locais da crise econômica sem recorrer a concepções deterministas da relação entre gênero, raça, sexualidade e classe, é percebida como urgência. A mediação cultural de raça e nação assumiu novas configurações, durante um período de contrainsurgência global sem precedentes que modificou o que chamo de ecologias dominantes de pertencimento, no que diz respeito à identidade racial e nacional. Por último, mas não menos importante, é preciso voltar-se para os modos como a revolução neoliberal impactou o campo e a condução de lutas antirracistas, transformando-as em conhecimento técnico que pode ser vendido privadamente por consultores - muitos dos quais são antigos militantes - na forma banal de gestão da diversidade.

Para abordar esses acontecimentos adequadamente, teremos que revisitar e lidar com questões abafadas durante as décadas seguintes: as consequências do enredamento de raça e imigração, a tendência persistente de ignorar ou marginalizar o efeito de morar pacificamente com aqueles que pareçam diferentes de si e o culturalismo profundamente problemático que é mais cômodo e satisfeito quando pode fundir raça, etnicidade e nacionalidade.

As ideologias em evolução da direita populista e nativista também terão de ser examinadas em seus próprios termos, em vez de serem descartadas peremptoriamente, para que seus críticos não as levem mais a sério do que seus adeptos ou defensores. Reconfigurado de acordo com o pensamento civilizacionista, esse corpo de teoria racial e cultural é agora um fenômeno *transnacional*, no qual o tema da vitimização branca se tornou um contraponto cada vez mais proeminente aos temores de desordem em geral e, em particular, de uma tomada islâmica dentro da Europa e além dela. Identidades raciais genéricas, geralmente exportadas dos EUA, aumentaram seu alcance digital.

A ideia de branquitude criou raízes longe de suas origens e foi adotada como infraestrutura de uma ansiedade generalizada sobre a perda da socialidade, da comunidade e da solidariedade, à medida que os efeitos da austeridade e da revolução neoliberal se consolidaram. No que diz respeito à negritude genérica, sua exportação ajudou a precipitar um clima no qual - além do valor dos negros americanos uniformizados para a diplomacia militar dos EUA - os destinos da África e suas diásporas americanas divergiram.

Dentro das cidadelas americanas de superdesenvolvimento, tornou-se moda abordar a escravidão principalmente em termos ontológicos e interpessoais. A partir desses ângulos, o propósito primordial da escravidão pode parecer espontaneamente situado na humilhação e violação da vida negra, em vez da busca sistemática do lucro e da acumulação impiedosa do capital em escala global.

A história das violentas ordens raciais do nosso planeta rende muitos exemplos em que a motivação de lucro e a motivação do ultraje coexistiram em processos genocidas de limpeza, conquista e exploração. Portanto, é um erro dizer que o seu mútuo enredamento pode ser sempre arrumado de acordo com estruturas que tornam a crueldade obscena e a atrocidade deliberada consistentemente decisivas e determinantes. Não é só nos EUA que a “Tarantinificação” da escravidão tem sido imensamente corrosiva ao conhecimento histórico, às sensibilidades morais e à imaginação política<sup>1</sup> (Reed, 2013). Em vez da escravização de africanos ter instituído uma zona abissal do não-ser que pode ser localizada com precisão (muitas vezes, através de uma invocação perversa do humanismo explícito e consistente de Fanon), uma extraordinária produtividade cultural nasceu da cruel servidão. Certamente, suas

---

<sup>1</sup> Adolf Reed Jr. “Django Unchained, or, The Help: How ‘Cultural Politics’ is worse than no politics at all and why”. Nonsite.org, 25/02/2013. <https://nonsite.org/feature/django-unchained-or-the-help-how-cultural-politics-is-worse-than-no-politics-at-all-and-why>

epifanias não ofereceram redenção do sofrimento em que estavam inseridas. O florescimento inesperado da criatividade musical sob o *nomos* racial da escravidão tornou-se hoje duplamente importante, pois sua riqueza, complexidade e caráter sincrético repudiam claramente a inscrição fácil da vida negra em uma condição incessante de "morte social". No entanto, recentemente a ideia de escravidão como negação absoluta do ser humano tem se mostrado atraente para as legiões desorientadas, derrotadas e desmoralizadas de guerreiros "afropessimistas" do teclado, operando nos infinitos campos de batalha online do Twitter e do Instagram. Orlando Patterson é mal compreendido, enquanto a visão da Derrick Bell sobre a permanência do racismo foi entusiasticamente aceita.

A disseminação desses estilos nihilistas de pensamento revela uma das maneiras através das quais nossa relação com o racismo e hierarquias raciais foi alterada pela economia de atenção da tecnologia digital e pelas mídias estruturadas em linhas de tempo. Esses dispositivos e hábitos introduziram uma série de novos problemas. Como a polícia culpável descobriu, para seu recente embaraço, as inovações tecnológicas romperam o véu do sigilo profissional e facilitaram a descoberta chocante de comportamentos inaceitáveis, quando não criminosos, por toda parte. Com seu ritmo veloz e facilidade de transmissão, o digital ajudou a expor atos rotineiros de violência e comentários racistas a partir de novos ângulos e modos inusitados, caracterizados pela autoridade irrefutável da veracidade do vídeo. O racismo está sendo descoberto em todos os lugares. Há várias outras consequências também. Qualquer um que tenha lido os comentários postados a respeito de um clipe do YouTube ou um artigo de jornal pode atestar que a interação anônima na Internet exige um entendimento sobre tolerância distinto da variedade que se espera quando as identidades dos usuários são verificadas e rastreáveis. O abuso racial localizado e online é potencializado com o *crowdsourcing* multinacional da supremacia branca e sua síntese é o repúdio provocativo à ideia moderna e conservadora de que o pensamento racial foi superado e pode agora ser relegado ao passado.

O racismo virtual e imaterial, rotineiramente hospedado no Facebook, Twitter e YouTube, ressaltou as dificuldades envolvidas na definição do que agora constitui a ação pública e o espaço público, bem como quais devem ser os limites do direito na regulação de ofensas à ordem pública e na avaliação da violência e da desordem que provoca a sanção legal.

No entanto, neste momento, estamos diante de um paradoxo de múltiplas camadas. Primeiramente, muito tempo após o suposto desaparecimento do racismo, o abuso racial prolifera, assim como a intensificação da desigualdade racializada. Esses fenômenos podem até mesmo terem se acentuado pelo impacto da miséria econômica e pela desesperança que a acompanha.

Para complicar ainda mais as coisas, a situação de crise não diminuiu o entusiasmo popular pela ideia da liberdade de expressão, que é cada vez mais apresentada como um importante marcador cultural no conflito entre civilizações, muitas vezes reforçado pelo apelo ambivalente, liberal e libertário de um direito nebuloso de ser ofensivo, mesmo que essas liberdades online sejam cada vez mais restringidas pelos governos. No entanto, o fetiche da liberdade de expressão não foi capaz de desfazer os efeitos de mais de trinta anos de luta antirracista que tornaram as explosões espontâneas e imprudentes de comentários racistas profundamente vergonhosas, independentemente de sua fonte. Ninguém quer ser associado a elas. No entanto, na política convencional, em meio aos destroços dos velhos alinhamentos, a retórica racista ainda é um instrumento muito valioso e uma fonte de energia populista muito poderosa para ser renunciada. Em vez disso, ela pode ser facilmente reformulada, de modo ambíguo e produtivo, na forma de observações sobre segurança e alteridade, cultura e religião. Se o seu poder perlocutório for implantado dessa maneira, o discurso de raça pode, obviamente, se tornar plenamente respeitável e, se possível, também visto como científico. A poética agressiva e xenofóbica, emprestada da ultradireita, precisa, portanto, ser modificada, massageada, mistificada e adaptada. As negações retrospectivas de qualquer intenção racista, emitidas a partir do centro da política oficial, podem soar plausíveis. Pode até haver uma surpresa genuína quando a força performativa da linguagem racista culmina em terrível violência, como vimos na Noruega, há alguns anos atrás.

### *A alt-right e o rebranding do fascismo*

O nome "*alt-right*" não foi cunhado por antifascistas. Foi escolhido por seus defensores, os proponentes das variedades mais novas e combativas de ultranacionalismo e racismo. O termo refere-se a uma aliança internacional ou coalizão informal bem financiada que tem acesso aos mais altos níveis de poder. O agrupamento é tecnologicamente sofisticado e tem um

domínio desconcertante de comunicação política e psicológica, por meio dos aspectos libidinais e afetivos das novas tecnologias, em geral, e das mídias sociais, em particular.

Esse *rebranding* maciço de um fascismo genérico foi cuidadosamente construído para maximizar os efeitos da mediação computacional. Operando efetivamente online desde 2015, a “*alt-right*” e seus diversos aliados - os identitários, a “*alt-light*”, os neorreacionários e os antigos neonazistas, os supremacistas brancos e os antissemitas - projetaram uma visão de suas atividades não mais como mal radical, mas ousadas, transgressoras, cômicas, irônicas e futuristas. Mesmo quando acompanhados por um contingente de imitadores confusos, esses autoritários conseguiram evocar imagens sedutoras da utopia que orienta suas escolhas políticas pragmáticas. Seus oponentes antirracistas ainda precisam encontrar uma resposta adequada<sup>2</sup>.

Eles utilizam a linguagem dos etno-Estados e da biodiversidade humana, mas não se iludam: seu desejo é que o mundo que estão construindo seja racialmente puro. Estará baseado firmemente no ressurgimento das relações naturais entre homens e mulheres, ultimamente distorcidas pelo feminismo, e será dedicado à preservação do Ocidente em apuros, particularmente ameaçado pelas mudanças demográficas agouradas pelo excesso de fertilidade de imigrantes não-brancos. Um eco residual de um racismo muito mais antigo ainda insiste que o Ocidente é intimidado pelas obscuras forças corporativas do “judaísmo internacional”. O termo *muçulmano* tornou-se um tropo racial, bem como *judeu* o foi no período entre guerras do século XX. Os fundamentos antissemitas do racismo são renovados em comentários ansiosos acerca das variedades específicas de corrupção introduzidas pelo Islã e os traiçoeiros “marxistas culturais” que o apoiam.

Há mais a dizer sobre cada um dos elementos constitutivos do bloco e sobre os papéis do pensamento racial e da conversa cultural, em sua articulação mútua. Esse levantamento detalhado ficará para outra ocasião. A opinião acadêmica e política está profundamente dividida sobre como avaliar essa ameaça. Ao discutir ideias fascistas, há sempre o perigo de que seus críticos acabem levando-as mais a sério do que seus seguidores. Outras dificuldades surgem porque grande parte da análise crítica desse movimento foi realizada online, até o momento. O livro de Angela Nagle, *Kill All Normies*, é uma cartilha útil, porém limitada. Está

---

<sup>2</sup>Primo Levi chama a atenção para a relação tensa entre os fascistas e seus imitadores no final de seu último livro *Os afogados e os sobreviventes* (São Paulo: Paz e Terra, 2004).

faltando um enquadramento teórico e histórico ao seu trabalho. As limitações resultantes podem ser compensadas com os valiosos *insights* do filósofo Byung-Chul Han, cuja recente sucessão de pequenos livros se mostrou esclarecedora, tanto como investigação ético-política quanto como tratamento provocativo das ecologias midiáticas contemporâneas sobre as quais o movimento tem se baseado para garantir expansão e legitimidade<sup>3</sup>.

Nós superamos, decisivamente, o mundo analógico e da cultura de massa que definiu os limites da propaganda, na época do notório duplo sobrinho de Freud, Edward Bernays, e estamos sendo entregues, silenciosamente, às garras da cultura política algorítmica e da análise preditiva<sup>4</sup>. Essa mudança exige uma compreensão mais elaborada da relação entre informação, comunicação e poder do que qualquer coisa que Maquiavel, Foucault e seus sucessores possam fornecer<sup>5</sup>.

As origens intelectuais da *alt-right* residem em uma gama vertiginosa de pensadores revolucionários conservadores e fascistas. Seus próprios defensores citam as influências de Spengler, Mencken, Julius Evola, Ludwig von Mises, Hans-Hermann Hoppe e do libertário individualista Murray Rothbard. No contexto dos EUA, a casta de intelectuais orgânicos do movimento reconheceu a influência dos “paleoconservadores”, que reavaliaram a ênfase colocada pelos neoconservadores na política externa. É também repetidamente declarado que a Nova Direita francesa forneceu uma importante fonte de inspiração. O movimento baseia-se fortemente na influência comercial e tecnológica dos autodenominados “neorreacionários” que ostentam extensas conexões no Vale do Silício. Outros colaboradores apoiam os críticos aceleracionistas, neofascistas, ocultistas e semiacadêmicos da democracia burguesa e da igualdade que se cansaram de denunciar as piedades liberais vazias que sustentam as estruturas institucionais oficiais do poder. Esse substrato vocal baseia-se nos legados duvidosos de pensadores como Bataille e Schmitt, bem como em um sublime tecnorientalista, descoberto na excitante possibilidade de redução dos estados a proporções mínimas e

---

<sup>3</sup> Byung-Chul Han. *Psychopolitics: Neoliberalism and New Technologies of Power*. London: Verso, 2017; \_\_\_\_\_. *The Burnout Society*. Stanford: Stanford University Press, 2015; \_\_\_\_\_. *The Transparency Society*. Stanford: Stanford University Press, 2015.

<sup>4</sup> Larry Tye. *Father of Spin: Edward L. Bernays and the birth of public relations*. New York: Crown Publishers, 1998; Byung-Chul Han. *In the swarm: digital prospects*. Cambridge, MA: MIT Press, 2017; e \_\_\_\_\_. *Psychopolitics*. London: Verso, 2017.

<sup>5</sup> Ver também David Patrikarakos. *War In 140 Characters: How Social Media is Reshaping Conflict In The Twenty-First-Century*. New York: Basic Books, 2017; Mike Wendling. *Alt Right From 4-Chan to The White House*. Londres: Pluto Press, 2018; James Williams. *Stand Out Of Our Light: Freedom and Resistance In The Attention Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

administrados como corporações com o auxílio da tecnologia de inteligência artificial. Este sonho neocameralista é emoldurado por um alegre pós-humanismo e um fervoroso racismo rotineira e suavemente redefinido como “biodiversidade humana” e “etnonacionalismo”. Os pretensos magos do movimento são o fracassado filósofo Nick Land e outros que, por sua vez, foram influenciados por “Mencius Moldbug”, um proeminente ludita que busca inspiração em algumas das obras mais obscuras escritas pelos teóricos vitorianos da Inglaterra da dominação imperialista, cujo trabalho já foi elogiado por Donald Trump. A poética de H.P. Lovecraft se funde às fantasias da ecologia profunda para criar o tão anunciado “iluminismo das trevas”.

Celebridades supremacistas brancas, como Katie Hopkins, da Grã-Bretanha, e Lauren Southern, do Canadá, estão centralmente envolvidas nessa iniciativa. Elas aproveitaram seu grande número de seguidores online para atrair atenção e conquistar mais apoio para o patrocinador do projeto: o presunçosamente denominado Movimento Identitário, cujos adesivos apareceram, recentemente, no campus onde eu trabalho. O racismo e o fascismo foram, de fato, “rebrandizados” por forças construídas online, com o auxílio de fazendas de *trolls* russas, inteligência artificial e robôs programados em uma jurisdição, registrados em uma segunda e implantados a partir de uma terceira. As versões da política de identidade com as quais o movimento lida são construídas em torno da ideia de que a civilização ocidental está sendo invadida e corrompida por alienígenas intrusos. Eles oferecem uma concepção distinta do tempo político, em que a grandeza será restaurada após períodos de enfraquecimento e lassidão. É possível perder e “reconquistar” países. Os países podem ser perdidos e reconquistados. A linguagem política da guerra civil é dominante.

Como tudo isso se relaciona ao governo Trump é outra coisa que precisa ser aprofundado. Sua campanha eleitoral foi um divisor de águas porque deu um selo de aprovação às panaceias anteriormente impronunciáveis da direita racista, neofascista e ultranacionalista. Centrar a argumentação sobre o caráter desse movimento na figura de Trump pode ser atraente e fácil, mas não é muito útil. Ela tende a restabelecer um ambiente moral e político mais simples e estável que deve ser considerado questionável na ecologia comunicativa fluida em que habitamos.

As conexões entre a antiga direita e a “*alt-right*” ainda são incipientes ou frágeis. Alguns companheiros de viagem se opõem veementemente ao Islã, mas tendem a se esquivar das palavras de ordem abertamente antissemitas, das armas automáticas e das tochas flamejantes

que foram transmitidas ao redor do mundo, a partir do comício de verão de 2017, em Charlottesville, Virgínia. Nem todos os *gamers*, ironistas e *trolls*, que encontraram um quantum precioso de comunidade no fórum do 4-Chan (todos, sem dúvida, habituados a uma existência “beta-masculina” no porão da casa dos pais), querem se aliar à beligerantes armados e aos rituais desprovidos de ironia da milícia dos Estados que votam pelo Partido Republicano.

Um grupo jovem e proselitista de influentes *YouTubers*, blogueiros e *vloggers* de todo o mundo tem fornecido novo material para o movimento. Esses atores podem, no futuro, se tornar vulneráveis à pressão comercial das plataformas que precisam para alcançar seus numerosos assinantes. Provavelmente mais adiante, eles serão testados por divisões decorrentes de sua falta de unanimidade no que diz respeito às relações de gênero. Da mesma forma, o apelo dos guerreiros norte-americanos do *fake news*, como Alex Jones, pode ser limitado pelo provincianismo de seus discursos que, fora seu amor pela branquitude metafísica, têm problemas de interpretação em lugares onde armas de fogo são menos populares e a guerra racial parece mais remota.

Conforme a jornalista inglesa Carole Cadwalladr mostrou, ao alimentar um movimento político com uma topografia transnacional sem precedentes, a infraestrutura tecnológica dessa rede suscita uma série de problemas jurídicos e legais para estados nacionais soberanos. Embora o maquinário ainda esteja desigualmente desenvolvido e implantado, não restam dúvidas de que a “*alt-right*” está à frente, quando se trata de jogar com os algoritmos do *Facebook* e do *Google* que veiculam, repetidamente, propagandas influentes e altamente emotivas nas telas de uma minoria vulnerável, aberta a mudar de ideia e com poder de afetar o resultado das eleições. Theresa Hong, um dos principais responsáveis pela concepção dos posts de Trump no *Facebook*, alegou, após sua vitória, que eles criaram um novo manual psicográfico para campanhas eleitorais que seus oponentes políticos ainda não conseguiram compreender<sup>6</sup>. Na Europa, os danos causados à cultura política democrática estão longe de serem apenas eleitorais. O centro da gravidade política está sendo deslocado para a direita e a conduta política considerada respeitável foi redefinida.

Todas essas novas forças se cruzam e contam com a ontologia política da raça. Elas se opõem à correção política e ao multiculturalismo e utilizam, incansavelmente, a controversa

---

<sup>6</sup> [http://content.blubrry.com/mycampaigncoach/Theresa\\_Hong\\_Interview-8\\_2\\_17\\_12\\_31\\_AM.mp3](http://content.blubrry.com/mycampaigncoach/Theresa_Hong_Interview-8_2_17_12_31_AM.mp3) (acesso em 02/09/2018)

questão da liberdade de expressão para alterar os limites do que pode ser dito publicamente. O movimento decorrente cresce, não pela distribuição de informações, mas pela conquista e monopolização da atenção. Essa força não será detida pelas táticas utilizadas no passado para lutar contra seus antecessores. Seus líderes se moldam tal como gramscianos e leninistas. Eles pretendem jogar um jogo longo. São até mesmo conhecidos por se instalarem dentro de estabelecimentos educacionais de elite, como o meu antigo local de trabalho, a London School of Economics. A mídia noticiosa profissional tem sido particularmente inepta em educar-se sobre os perigos específicos representados pelas forças políticas que visam o crescimento do movimento através de mentiras e dissimulações. Ela não descobriu como lidar com essas vozes sedutoras e racistas sem amplificá-las, aumentando seu alcance. A economia da atenção que enquadra esses embates torna as declarações chocantes e provocativas muito mais valiosas do que a reflexão sóbria. Na maior parte do tempo, o conteúdo verdadeiro de declarações é irrelevante.

Os legados do fascismo surgem agora em nossas vidas, simultaneamente, a partir de tantas direções diferentes que o conceito perdeu muito do peso analítico, político e moral que adquiriu no século XX. O conceito de racismo também caiu em descrédito. Os antirracistas de hoje preferem um vocabulário importado dos EUA, focando em termos como negrofobia e decolonialidade. O falatório rotineiro dos ativistas sobre os corpos negros e pardos, o autocuidado e o dever de desenvolver abordagens interseccionais revela como a poesia da transformação social foi aplainada e a agenda da libertação restringida por um desprezo à linguagem e pelo entusiasmo relacionado pela identidade genérica. A racionalidade comunicativa está sendo comprimida de modo a se encaixar no espaço mínimo fornecido por *soundbites* e *hashtags*, *tweets* e *memes*, *likes* e *follows*. O sentimento político é refém do narcisismo e do niilismo.

Uma solidariedade mediada por computador, essencialmente dócil, pode estar se tornando a norma, mas novas ligações digitais surgem com a transmissão de horrores espetaculares e a coreografia *mainstreamizada* da resistência negra. Essas tecnologias de rede geralmente criam nada mais do que a miragem de um movimento. Na tela, o racismo, o capitalismo e o militarismo parecem incontroláveis, esmagadores. Fora da tela, mobilizações em larga escala podem ocorrer rapidamente, mas depois evaporam com a mesma rapidez. No

universo da mídia estruturada em linhas do tempo [*timeline media*], um clique aqui e um “like” lá pode garantir a dose necessária de dopamina, mas deixam um mundo sangrento intocado<sup>7</sup>.

As desigualdades estruturais, manifestadas pelo racismo, se estagnam ou parecem se agravar. Dar voz a formas alternativas e contestatárias de viver e pensar torna-se progressivamente mais difícil. Fadiga, frustração e ansiedade se instalam. A ideia de uma tradição negra radical é rotineiramente invocada, especialmente por seus guardiões norte-americanos, mas geralmente é apresentada como um inventário sem profundidade. A história torna-se uma mera história de fundo, esparsamente povoada por reluzentes ícones-celebridades: uma deificada Audre Lorde, um messiânico James Baldwin. Esses problemas se intensificam por tentativas de revigorar análises e estratégias que foram produzidas para operar em circunstâncias específicas, empregando-as novamente em condições históricas, políticas e culturais muito diferentes.

Enquanto isso, as estatísticas oficiais sobre desemprego, assédio policial e exclusões escolares contam uma história familiar sobre a institucionalização da desigualdade racializada, do preconceito e da discriminação.

Uma negritude neoliberal?

Em 2005, Tim Campbell, um jovem negro inglês, venceu a primeira série da versão britânica do reality show de negócios dos EUA, “*The Apprentice*”. A série celebra a cultura de negócios e gestão e dramatiza a intensa concorrência entre os executivos aspirantes em disputa. Previsivelmente, o vencedor leva tudo e é recompensado com a chance de assumir um alto cargo no mundo corporativo. Os perdedores são conduzidos de volta ao lamurioso poço da insegurança. Não é demasiado grosseiro descrever essa franquia televisiva como uma parábola semanal que apoia a temida liturgia do neoliberalismo: mercantilização e privatização obtidas por meio da emancipação das liberdades e competências individuais do empreendedorismo.

Depois de seu triunfo histórico, Campbell tornou-se rapidamente o garoto-propaganda daquilo que se acreditava ser uma onda crescente de interesse pelo empreendedorismo entre comunidades de “minorias étnicas” - uma possibilidade que se encaixou, prontamente, à ideologia do Novo Trabalhismo, bem como a mais global arquitetura oportuna de seu

---

<sup>7</sup> Marcus Gilroy Ware. *Filling The Void: Capitalism, Emotion and Social Media*. London: Repeater Books London, 2017; James Bridle. *New Dark Age Technology and the End of the Future*. London: Verso, 2018.

“populismo corporativo”<sup>8</sup>. Não foi surpresa a ampla adoção de Campbell como um “modelo” seguro e saudável, cujo sorriso sedutor e graciosidade evidentes poderiam, por exemplo, ser projetados vividamente na imaginação de jovens desorientados, que estavam sendo convidados, por meio de currículos do ensino médio inovadores e favoráveis ao universo empresarial, a seguir os seus passos em direção à fortaleza reluzente do sucesso. Não se tratava tanto de que a riqueza chegaria a quem seguisse aquela estrada dos prazeres – embora, certamente, isso aconteceria -, mas sim de que sua jornada em direção à árdua meta dourada seria adequadamente organizada e supervisionada por diretrizes neoliberais. Recém-fluente no que Alistair Beaton descreveu como “asneiras de gestão”<sup>9</sup>, a legião emergente de gerentes de projeto da Grã-Bretanha administraria esse percurso, garantindo que fosse feito da maneira correta: atrelando a autorrealização individual aos imperativos de uma cultura empresarial que culminou na manifestação reveladora de uma hierarquia natural renovada. Em lugar de um bando de velhos homens brancos, um recém-diversificado sínodo de líderes de negócios formados em MBA se colocaria, orgulhosamente, no topo.

Essa imagem bem adaptada da diversidade corporativa corresponde de perto ao que poderia ser chamada de “A Era Obama”. Ela apresenta o projeto de globalização como um processo de “americanização” de grande valor e aceitação simbólica. A prova de que o mundo corporativo dos EUA está à frente, de alguma forma, da versão local da Grã-Bretanha pode ser desvendada na aparente prontidão do primeiro de se alienar da supremacia branca. Mesmo que o racismo fosse intratável em outros lugares, o capitalismo neoliberal estava pronto para libertar-se dos grilhões colocados sobre ele por seu compromisso histórico com a pigmentocracia. O multiculturalismo pode ter tido sua morte declarada pelos políticos, mas sua autoridade soberana foi usurpada pelos contingentes ressurgentes de gestores da diversidade.

Além de administrar sua própria instituição de caridade, a *Bright Ideas Trust* - encarregada do empoderamento de empreendedores de minorias étnicas -, Campbell se tornou um dedicado assessor do governo sobre assuntos de emprego, previdência social e minorias

---

<sup>8</sup> Anthony Barnett. Revista *Prospect*, fev. 1999; e \_\_\_\_\_. “Corporate Populism”. *New Left Review* 3, maio-jun 2000. Ver também a atuação de Campbell: <http://www.youtube.com/watch?v=8IC2SYfcDME>

<sup>9</sup> Alistair Beaton. *The Little Book of Management Bollocks*. New York: Pocket Books, 2001. (Trad.: *O grande livrinho das chachadas de gestão*. Lisboa: Bizâncio, 2002.) Ver também Robert Protherough and John Pick. *Managing Britannia*. Exeter: Imprint Academic, 2002; e Harry G. Frankfurt. *On Bullshit*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

étnicas, assim como “embaixador” da causa do empreendedorismo juvenil<sup>10</sup>. Na Lista de Honras de Ano Novo de 2012, ele foi finalmente galardoado pela Rainha da Inglaterra como *Member of the British Empire* por seus “serviços à cultura empresarial”. Seus triunfos fornecem um marcador histórico útil, pois expressam o significado em evolução da diferença racial no núcleo de uma operação corporativa que estava disposta a investir fortemente nos adereços da diversidade e da pluralidade. Isso fora feito não só para garantir o acesso a novos mercados, clientes e capitais, mas também para comunicar a dimensão potente e atual da grande revolução empresarial que começara a afetar e alterar todas as instituições britânicas: mudou sua linguagem e compreensão de sua própria missão, bem como seu entendimento da rivalidade entre as formas de valor envolvidas em sua prática até o momento em que a austeridade se tornou a medida geral. Não é possível desassociar esses desenvolvimentos históricos da consolidação dos hábitos e estilos de pensamento neoliberais que funcionam tanto como senso comum quanto como governamentalidade.

Nesse ponto, várias questões se entrelaçam. Primeiro, um problema de periodização é introduzido nas genealogias do liberalismo e do neoliberalismo e questões complexas são levantadas sobre em que momento exatamente temas especificamente neoliberais penetraram em um entusiasmo disperso - ainda que popular - pelo comércio capitalista, pelos negócios e pela privatização. Isso não é simples. O arraigamento da ideia de que não há alternativa ao capitalismo é decisiva para o funcionamento dessa *assemblage*<sup>11</sup>, que é volátil demais para ser descrita simplesmente como a consolidação da hegemonia neoliberal. De fato, a ideia de hegemonia talvez necessite de revisão de modo a levar em conta uma série de novos problemas. As matrizes culturais e tecnológicas do capitalismo superdesenvolvido podem representar uma mudança qualitativa na relação entre informação e poder. Essa nova formação é complementada pela dinâmica “biopolítica” expandida das “sociedades psicofarmacológicas” que, com efeito, contribuíram com novos tipos de individualidade. De um lado, a história do fascismo e do populismo autoritário do século XX e, de outro lado, uma torrente de prescrições de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos podem ajudar a explicar como esse apoio flutuante tem sido evidente, mesmo entre os estratos mais baixos da hierarquia racial em mutação da Grã-Bretanha. Entre aquelas não-classes trabalhadoras e não-

<sup>10</sup> Veja seu perfil no site de sua ONG: <http://www.tim-campbell.co.uk/content/biography>.

<sup>11</sup> Mark Fisher. *Capitalist Realism*. Winchester: Zero Books, 2009.

trabalhadoras<sup>12</sup>, a política populista foi repetidamente articulada como racismo xenóforo e sentimento anti-imigrante. Mediada pelo poder da News International e pelos comentários escrupulosamente equilibrados fornecidos pelos guerreiros da informação da BBC, essa estrutura de sentimentos tem sido frequentemente expressa por pessoas carentes e vulneráveis que, pode-se pensar, teriam pouco a ganhar com a visão da vida social centrada na hiperindividualização, mercantilização e nos negócios que ambos exigem e geram.

Elas devem ser levadas a sério - talvez mais a sério do que os próprios vendedores ambulantes e celebrantes da “teologia” neoliberal estejam inclinados a levar as falsas esperanças que disseminam com um cinismo tão cruel. Os efeitos do racismo sistemático sobre a vida negra não podem ser descartados e há casos em que esse impacto parece - talvez até onde seja possível imaginar que o racismo seja sacrificado aos interesses do capital - ter induzido pessoas às soluções superficiais proferidas pelo pensamento neoliberal, que se pode assumir, tomar posse e tornar próprias. Em outras palavras, a história de ser negado em sua individualidade de fato realçou o interesse por variedades particulares do individualismo extremo.

Devemos agora enfrentar uma versão distinta, local e sim, *multicultural*, dos principais temas da revolução neoliberal, moldada por um capitalismo global inquieto que precisa ser capaz de operar em tantos sotaques diversos quanto for possível. Onde o demótico se disfarça como democrático e o populismo distorce a política, haverá um bom motivo de perguntar se um autêntico momento libertador talvez resida nas minorias raciais do passado se tornarem tão egoístas, estúpidas, de direita e conservadoras quanto o resto do mundo?

Eu não estou propondo esse limiar como medida de nossa redenção da hierarquia racial. Mas devemos perguntar se é apenas um sentimentalismo residual que nos impede de aceder a algo parecido, como um novo índice de integração.

Antes e depois do período colonial, as lutas contra o racismo e a hierarquia racial contribuíram direta e consistentemente para as concepções controvertidas do humano. Valorizaram formas de humanidade que não eram passíveis de codificação por cor e dificultavam a compreensão da semelhança humana e do ser da espécie humana, da vida em comum.

---

<sup>12</sup> Andre Gorz. *Farewell To The Working Class*. Londres: Pluto Press, 1984.

Assim, contra o argumento convencional daqueles que defendem que a tolerância racial e a solidariedade são frágeis, diante de diferenças naturais subjacentes e indomáveis que favorecem mecanismos evolucionários, como a distribuição desigual da confiança entre membros de vários grupos raciais ou respostas hostis ao fenótipo do outro, quero afirmar que a batalha contra o racismo na ética, na epistemologia e na ontologia política é de preocupação fundamental.

Essa batalha envolve mais do que a recalibração do conceito de reconhecimento e sua suplementação pela ideia de relacionalidade. Ela tem a ver com a esperança de encontrar a humanidade fora ou além de suas configurações raciais, embora não em suas formas pós-humanas. A jamaicana Sylvia Wynter é uma das várias pensadoras pós-coloniais que, trabalhando com uma paleta de conceitos fanonianos, falam da necessidade de um reengajamento com o humano após a morte do homem. Ainda não somos pós-raciais, mas precisamos de ideias acerca de como será um mundo destituído de hierarquia e desigualdade raciais, se quisermos manter nosso movimento e não nos desorientarmos diante do desafio colocado pela “*alt-right*”.

Lutas contra o racismo têm, às vezes, sido de caráter utópico, mas moldaram uma perspectiva filosófica distinta. Ela está enraizada nos universais frágeis e na interdependência radical que se revelaram, pela primeira vez, nos limites insurgentes das zonas de contato coloniais, onde a brutalidade da governança racializada foi repudiada e espécies cosmopolitas de cuidado e convívio, inesperadamente, tomaram forma através das fronteiras da cultura, civilização, linguagem e tecnologia.

Se quisermos entender os pontos mortos na estrutura precária da tradição humanitária *liberal*; se quisermos entender a recorrência de suas antigas fraquezas, que têm sido evidentes para os críticos por muito tempo; se quisermos restaurar o socialismo e o feminismo ou recuperarmos a esquerda, não há outra escolha senão voltar nossa atenção para os problemas do racismo, da raciologia e da hierarquia racial. Isso deve ser feito, não porque esgota o inventário do fracasso moral da humanidade, mas porque esse confronto necessário pode fornecer recursos críticos importantes a partir dos quais uma compreensão mais rica da humanidade pode ser construída e um novo projeto reparador concebido.

Devemos ser capazes de analisar criticamente a institucionalização prática da hierarquia racial no poder governamental e nos preparar para entender sua complexa articulação tanto com o pensamento nacionalista quanto a arquitetura política e jurídica dos estados nacionais.

Os escravos de muitos lugares diferentes que foram trocados por armas, rum, pano, bacalhau salgado e outras mercadorias e moedas recuaram de sua própria reificação brutal. Eles se tornaram, como disse Fanon, objetos entre outros objetos, mercadorias *humanas* circulando entre outras, em uma nova economia oceânica governada por instrumentos jurídicos e processuais sem precedentes. Já deveríamos saber que seus vários descendentes, dentro e fora das fortificações do superdesenvolvimento, herdaram elementos da situação irredutivelmente moderna dos escravos, especialmente a sua vulnerabilidade.

Espero que, ao nos depararmos com essas condições brutais, um antirracismo ressurgente ajude a gerar um humanismo cauteloso e pós-humanista que também seja capaz de compreender as relações multi-espécies entre humanos e não-humanos. Se for bem-sucedida, esta formação será distinguível de outras variedades anteriores de humanismo ao ser feita “à medida do mundo”<sup>13</sup>, como Aimé Césaire colocou ao contemplar os destroços e desperdícios da Segunda Guerra Mundial. Essa alternativa frágil é hoje tão preciosa quanto difícil de conseguir. Minha esperança é que ela possa ser escavada a partir do espaço conceitual singular em que o humanismo combativo antirracista confrontou repetidamente o colonialismo, o racismo e o nacionalismo.

Essa localização contestada pode ser triangulada de várias maneiras. Esforços para mapeá-la devem incluir a retórica cruel dos vários fascistas que denunciaram suas vítimas como parasitas a fim de torná-las mais fáceis de exterminar. A partir daí, é apenas um pequeno salto rumo à supremacia branca idiota à qual os líderes políticos populistas dão voz calculadamente, na forma de senso comum racista, que é tão odioso quanto alegre.

Assim, no espírito do necessário reencantamento do humanismo, vamos buscar uma perspectiva diferente sobre as provações da cultura e da civilização do que as perspectivas atualmente fornecidas a nós por Farage, Wilders, LePen, Petry, Bolsonaro, Halla-aho, Pegida e sua laia. Nós temos que ser fortes o suficiente agora para perguntar o que a aceitação de seus racismos revela sobre até que ponto nossa própria civilização comum tem sido capaz de se

---

<sup>13</sup> Aimé Césaire. *Discourse On Colonialism* (trans. Joan Pinkham). New York: Monthly Review, 1972 (1955) p.56.

sustentar e manter. Se fugirmos dessa obrigação, seremos condenados a uma escolha vazia entre diferentes variedades de barbárie.